

MELANCOLIA

um filme de Lars von Trier

com Kirsten Dunst, Charlotte Gainsbourg, Kiefer Sutherland, Charlotte Rampling, John Hurt, Alexander Skarsgård

Melancholia | SUE / DIN / FRA / ALE, 2011 | 136' | Cores | M/12

- Festival de Cannes 2011 - Prémio Melhor Actriz (Kirsten Dunst)
- Festival de Cinema de Toronto 2011 - Special Presentations
- Lisbon & Estoril Film Festival 2011 - Seleção Oficial
- European Film Awards - Melhor Filme, Melhor Fotografia, Melhor Direção Artística



Sinopse

O misterioso planeta *MELANCOLIA* aproxima-se do planeta Terra. Será uma passagem breve e um momento para recordar? Ou este planeta azul representa uma verdadeira ameaça para todos?

E enquanto o *MELANCOLIA* se aproxima, ameaçador, a difícil relação entre duas irmãs, Justine e Claire, é posta à prova...

ANSIANDO PELO FIM DE TUDO

(excertos de entrevista a Lars von Trier por Nils Thorsen)

Vamos ser claros desde o início. O final do filme de Lars von Trier, *MELANCOLIA*: todos morrem. Não apenas os convidados do casamento da primeira parte do filme num castelo romântico rodeado por campos de golfe. E não apenas toda a vida na Terra. Uma vez que no mundo evocado desta vez pelo realizador dinamarquês estamos absolutamente sozinhos no universo. Assim, o que termina com este encontro cósmico entre o nosso planeta e o (dez vezes maior) *MELANCOLIA*, é a vida tal como a conhecemos.

Nenhum final poderia ser mais definitivo. E, como Trier salienta com o seu humor negro: "De certa forma, o filme tem um final feliz." (...)

"Acontece o mesmo com *Titanic*. Quando eles embarcam no navio, sabemos: hum, provavelmente vai acontecer qualquer coisa com um iceberg. E tenho a teoria de que a maioria dos filmes são assim, na verdade."

"Num filme de James Bond esperamos que o herói sobreviva. De qualquer modo, consegue ser entusiasmante. E algumas coisas conseguem ser excitantes precisamente porque sabemos o que vai acontecer, mas não como irão acontecer. Em *MELANCOLIA* é interessante vermos como as personagens reagem à medida que o planeta se aproxima da Terra".

A Origem de *MELANCOLIA*

Seguimos duas irmãs até ao derradeiro final. Justine, interpretada por Kirsten Dunst. Uma melancólica tem dificuldade em encontrar o seu lugar no mundo e assumir os seus rituais vazios, mas sente-se mais em casa quando o mundo se aproxima do final. Depois temos a sensível irmã mais velha, Claire, interpretada por Charlotte Gainsbourg, que triunfa no mundo e tem dificuldade em despedir-se dele.

"Acho que a Justine é parecida comigo. Baseia-se muito em mim próprio e nas minhas experiências com a depressão e com as profecias do fim do mundo. Por outro lado, Claire é supostamente... uma pessoa normal", ri Lars von Trier, que foi assaltado por ansiedades durante toda a sua vida e que, em rapaz, acreditava que a Terceira Guerra Mundial estava a começar sempre que ouvia um avião. (...)

"O meu psicanalista disse-me que os melancólicos são normalmente mais corajosos que os outros em situações catastróficas, em parte porque podem dizer: 'O que é que eu te disse?', ri-se. "Mas também porque não têm nada a perder." E esta foi a origem de *MELANCOLIA*. A partir daí, as coisas aceleraram. Menos de um ano depois, o guião estava escrito, os actores escolhidos e a equipa pronta a filmar.

"Diverti-me muito a fazer este filme, e tenho estado muito mais presente. Mas, mais uma vez, estava a atravessar um mau período durante *Anticristo*", diz.

Em *MELANCOLIA* ele lida com a própria melancolia. Mais do que com cataclismos. Mas ainda que o ponto de partida seja o da sua própria depressão, a ideia desenvolveu-se a partir de uma conversa e de uma troca de cartas com a atriz Penélope Cruz, que quis fazer um filme com ele. Ela revelou o seu fascínio pela peça *As Criadas*, de Jean Genet, onde duas criadas matam a patroa.

"Mas eu não faço nada que não seja criado por mim, disse-lhe. Por isso comecei a escrever alguma coisa para ela. O filme é baseado nas duas criadas que eu transformei em irmãs. A Penélope sabe montar. Usei isso também." (...)

Sozinho no Universo

Lars von Trier levanta-se, vai até ao seu computador e começa a fazer pesquisas na Internet. "No filme, as irmãs falam de estar sozinhas. E acredito que tive essa ideia depois de ouvir esta música dos Nephew, *Allein, Allein*".

"E depois achei interessante a questão de estarmos mesmo sozinhos no espaço. Na realidade, é completamente irrelevante. Mas isso faz uma grande diferença para mim. Uma coisa é a Terra ficar sem vestígios de vida, mas se existirem algumas células em qualquer outro lado existe algo sobre o qual construir qualquer coisa. Se não existe vida em lado algum, bem, isso é o fim de tudo".

Na segunda parte do filme, o casamento termina e o planeta aproxima-se da Terra. E de repente é a irmã mais velha, Claire, que se fragiliza enquanto Justine se recolhe cada vez mais. O marido de Claire, interpretado por Kiefer Sutherland, uma das personagens-chave em Lars von Trier: o homem racional que estuda as coisas e acredita que consegue explicar tudo. Desta vez é porque o planeta não vai chocar contra a Terra. Ele conforta a mulher ao longo do filme. E de repente, pára. E assim ela fica 'allein, allein', sorri.

“Mas por outro lado as irmãs não são assim tão diferentes uma da outra. Elas partilham a mesma mãe louca que se tornou completamente amarga. Ela não anseia por nada. Portanto, Claire tem todo o tempo para ser uma mãe para a sua irmã mais nova, e quando temos de tomar conta dos outros, temos de ser fortes.”

Por que razão a Claire se vai abaixo à medida que o planeta se aproxima?

“Ela tem algo a perder. Um filho, por exemplo. Ela não deseja nada. Gosta de si como é. Por outro lado, Justine não tem nada a perder. Ela é melancólica, e estamos sempre ansiando alguma coisa. E quando é assim, não podemos perder nada. Não temos nada.” (...)

Para mim, a relação das duas irmãs é muito carinhosa.

“Sim, no final, por exemplo. Acho que elas se entendem aí. É aí que se insinua também o final feliz. Quando os dois opostos de juntam. Têm diferentes padrões de reacção, claro. Mas elas foram duas, e tornam-se uma só”. (...)

O último filme no mundo

Antes da rotação começar, Penélope Cruz cancelou devido a outros compromissos e Kirsten Dunst tornou-se a protagonista. E a colaboração, diz von Trier, foi uma agradável surpresa. (...)

Se perguntar a Trier o que ele acha do filme, é mais complicado obter uma resposta. “Quando o vi, senti-me bem. Mas já o vi tantas vezes que já não o consigo ver mais”, diz e hesita durante um segundo. “A Charlotte Gainsbourg disse algo que me agradou muito. Foi: ‘é um filme estranho’”, ri-se. “Isso foi agradável, porque eu estava preocupado que faltasse ‘estranheza’ ao filme”.

“O niilismo que Lars von Trier transporta através de *Melancholia* não dialoga propriamente com um grande número de obras contemporâneas. Está mais ligado a uma tradição do passado, que vai de Dürer a Gérard de Nerval. Devolve as balas de chumbo que eram as de Kubrick (em *2001 - Odisseia no Espaço*, certamente, mas também em *Full Metal Jacket*) ou do Tarkovski opaco de *Solaris* ou de *Sacrifício*. Como eles, *Melancholia* caracteriza-se por esse modo de esconder, através da demonstração e de um domínio genial da escrita para cinema, qualquer coisa de baço e de inconsolável. Trata-se simultaneamente do cinema em pleno controlo dos seus meios e de uma observação do mundo, do ar, dos seres humanos, para os quais já não há consolo possível. Von Trier é um falso provocador, e a incurável *Melancholia*, o absoluto contrário de uma provocação.” Philippe Azoury, *Libération*

“Sombrio e magnífico.” *Le Nouvel Observateur*

“Lars von Trier continua a transformar a sua depressão em verdadeiras obras de arte e assina – já não através da raiva, mas através da serenidade – um dos seus mais belos pesadelos” *Premiere.fr*

“Quer se goste ou não dos anteriores filmes de von Trier, nada poderia prever o deslumbramento de *Melancholia*.” *Le Monde*

“Avassalador (...) O mais delicado retrato do fim do mundo que poderíamos imaginar de um realizador, muito menos do provocador dinamurquês. (...) junta efeitos visuais de grande escala com o melodrama feminino.” *Variety*

“Um dos melhores filmes do ano. Uma interpretação que marca definitivamente a carreira de Kirsten Dunst.”

Manohla Dargis, *New York Times*

“Uma interpretação dominante de Kirsten Dunst (talvez a sua melhor até agora), uma magnífica banda sonora wagneriana. (...) *Melancholia* aloja-se na mente como uma fábula assustadora.” *Screen Daily*



“Vi o fim do mundo – é indescritivelmente belo e triste. Vi o fim do mundo não à maneira americana com as cidades em colapso e o mar em fúria – *Emmerich, t'arrenego!* – mas como um canto triste, uma ópera que acordasse Bosch e Breughel, a memória de Marienbad, o horror de uma Natureza que começasse a tresvariar e a violar as suas próprias leis. Então, as raízes das árvores poderiam ser como tentáculos, os dedos captariam fios de electricidade no caminho do céu, os arbustos poderiam ter duas sombras e as pessoas parecer peças num imenso pano de jogo para o qual nós – e Deus – olhássemos com estupefacção e plangência. Então o cinema estaria outra vez três palmos acima do simples ofício de contar histórias e seria um provocador de visões, uma arte plástica que assumisse a sua autonomia sobre os constrangimentos de também ser uma narrativa. Vi o fim do mundo nas sequências iniciais de *Melancholia* (...) e um desfilar de atores de grande renome, passeando um vago reflexo do cinema todo inteiro, de Hollywood a Liliana Cavani, de David Lynch a Fassbinder, que eu sinto por detrás de *Melancholia* como se Trier se entregasse ao prazer do palimpsesto, escrevendo com imagens e corpos roubados. (...) Lars von Trier é um cineasta excessivo, capcioso, que gosta de provocar, que tem uma ideia de beleza sempre com um impulso profanador à mistura. (...) Mas a memória [dos seus filmes] é também a de espantosos maravilhamentos, coisas nunca vistas ou só entrevistas, cruzamento de imaginários, acordes improváveis. (...) Ninguém passa [pelos seus filmes] com indiferença e todos nos deixam uma imagem cravada na memória”

Jorge Leitão Ramos, *Expresso* ★★★★★

“É seguramente um dos melhores filmes estreados em Portugal este ano [2011] e uma das três obras maiores de von Trier.”

Manuel Halpern, *JL* ★★★★★

“*Melancholia* é o seu [de Trier] filme mais valioso.”

Francisco Ferreira, *Expresso* ★★★★★